

PAINÉIS

A IMPORTÂNCIA DO QUOCIENTE EMOCIONAL - QE

Olga Talita Furlan Mazzei (G-Unipar)
Bárbara Cossetin Costa Beber Brunini (Orientadora-
Unipar)

Façamos um teste:

Lembre-se do conteúdo de um bimestre do ano “X”(você escolhe), da disciplina “Y”. Como você se sentiu? Confuso? Agora tente lembrar da professora ou professor que mais marcou a sua vida. Era a melhor ou a pior, a mais rígida ou a mais carinhosa? Essa resposta com certeza é mais fácil de responder! Só mais uma pergunta: Quais imagens são mais marcantes em você, as emocionais ou as cognitivas?

As emoções nada mais são de que impulsos para agir, ações instantâneas para lidar com a vida. A própria raiz da palavra emoção é movere, mover em latim mais o prefixo e, para denotar a ação de afastar-se, indicando que todo agir está implicitamente ligado à emoção.

Cada emoção nossa desempenha uma função única. Os estudiosos estão descobrindo que cada emoção prepara nosso corpo para determinada reação. Portanto, nós temos atos da mente emocional e outros da mente racional, uma que pensa e uma que sente.

Há uma gradação quanto ao controle racional e emocional. Quanto mais intenso o sentimento, mais dominante se torna a mente emocional e vice-versa. A visão negativista de quando a emoção se sobressai é muito questionável, pois as emoções e as intuições são vantagens quando se tornam guias de respostas instantâneas nas situações em que nossa vida está em perigo e, se parássemos para pensar em o que fazer, certamente o fim seria trágico. É a emoção que orienta o organismo quando há uma sensação de medo por exemplo, o comando é compreendido, o sangue desce para os membros inferiores facilitando o ato de correr, com isso, a face embranquece pela ausência do sangue e provoca o “frio”.

Essas duas mentes trabalham de forma harmoniosa na maior parte do tempo. A mente emocional alimenta e informa a mente racional que veta e censura o insumo de emoções. Essas faculdades são consideradas semi-independentes pelo fato de que cada uma delas refletem circuitos distintos, mas que se interligam no cérebro.

Mas durante muito tempo, o foco da ciência era tão somente voltado para o conhecimento de como a mente registra e armazena as informações, a natureza da inteligência, considerando as emoções como algo proibido. Ainda na época da “Revolução Cognitiva”, a inteligência era um processo frio e calculista, não podendo ser confundida pelo sentimento.

Com o passar do tempo, foi se observando algo não previsto, pessoas com altos níveis de QI eram pilotos incompetentes de suas vidas particulares.

Mas por quê? Aqui entenderemos a importância da inteligência emocional ou QE, que nada mais é que talentos como a capacidade de motivar-se e persistir diante de frustrações, controlar impulsos e adir a satisfação, regular

o próprio estado de espírito e impedir que a aflição invada a capacidade de pensar, criar empatia e esperar. Há dados que sugerem que o QE pode ser tão poderoso – e às vezes mais – quanto o QI, e que as aptidões emocionais podem ser adquiridas ou melhoradas nas crianças se nos propusermos a ensiná-las.

O QI pouco nos oferece quanto argumentos para explicar os diferentes destinos de pessoas com similares promessas, escolaridade e oportunidade. Numa pesquisa feita com 95 universitários de Havard, das classes da década de 40 (época onde os alunos tinham elevado índice de QI), os homens com melhores notas não estavam bem sucedidos, ao contrário dos que não tinham tão boas notas, mas estavam com os melhores salários, eram os que mais produziam e tinham status em seu campo. Os mesmos alunos com melhores notas tampouco tinham satisfação na vida, nem eram felizes nas amizades, na família e nos relacionamentos amorosos, mostrando mais uma vez que “as aptidões de infância como capacidade de controlar frustrações, controlar emoções e relacionar-se com outras pessoas contam muito mais.” (GOLEMAN, 1995, p. 47)

As habilidades acadêmicas são importantes, mas não oferecem nenhum preparo para as agitações que nos deparamos na vida. Apesar disso, nossas instituições de ensino e até nossa própria cultura enfatizam apenas a capacidade acadêmica, ignorando o fato de que a inteligência emocional tem uma importância crucial no destino pessoal. “A aptidão emocional é uma “metacapacidade”, que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto.” (GOLEMAN, 1995, p. 48).

É claro que existem vários caminhos para alcançar o sucesso, e muitos outros campos onde outras aptidões são as mais reconhecidas, como é o caso da aptidão do conhecimento numa sociedade como a atual, mas até nesses casos, a aptidão emocional oferece o diferencial.

Estudos atestam que as pessoas capazes de lidar com os próprios sentimentos e os sentimentos dos outros, que tenham essa competência emocional tem maior probabilidade de vencer em qualquer campo da vida, amoroso, interacional, profissional, sentindo-se satisfeitas e eficientes em oposição àquelas que não conseguindo controlar seus sentimentos travam conflitos internos impedindo-as de serem produtivas.

Pensar que as pessoas são ou não são inteligentes a partir de testes estereotipados seria um erro, pois consideraria-se a idéia de que uma única aptidão seria a responsável pelo nosso sucesso ou insucesso. Essa idéia impregnou a sociedade.

Em seu livro “Frames of Mind” 1983, Gardner contesta a visão do QI. Ele era contrário à existência de um único tipo de inteligência. Ele acreditava num espectro de inteligências, considerando sete variedades. Ele não deixou de lado inteligências acadêmicas padrão, citando a inteligência lógico-matemática e a inteligência lingüística. Na inteligência lógico-matemática encontramos um exemplo claro na pessoa de Stephen Hawking, que mesmo numa cadeira de rodas, é doutor em cosmologia e ocupa a cadeira de Isaac Newton como professor da Universidade Cambridge. Na vivacidade verbal, temos Jorge Amado como um grande portador da inteligência lingüística, sendo o mais traduzido dos autores brasileiros. Gardner inclui ainda a aptidão espacial que pode

ser visto no arquiteto Oscar Niemeyer que projetou Brasília, aptidão cinestésica, que é a aptidão da jogadora Paula Silva do basquete, que consegue trabalhar os músculos e nervos de forma precisa para suas jogadas, aptidão musical como Mozart, Rita Lee, que além de cantar e compor ainda tocam vários instrumentos. Para arrematar a lista, há as “inteligências pessoais”: interpessoais, talento para se relacionar com as pessoas, com um público, compreender as outras pessoas, trabalhar cooperativamente com elas, ser um líder mundial como Martin Luther King, Jr, e a intrapessoal que pode ser a aptidão brilhante das intuições de Freud, ou com menos sucesso, mas não menos importante em nossas próprias determinações de vida, nossos sentimentos e satisfações, nos fazer modelo para nós mesmos e utilizar eficazmente na vida.

Assim, temos que considerar os campos nos quais as crianças terão um interesse espontâneo e onde se sairão melhor, formando paixões que os tornem eficientes para a vida.

Devemos ter o ser humano como algo completo, total, numa visão holística. Há de considerar que QI e QE não são capacidades totalmente opostas e sim distintas. Se pegarmos os perfis puros de pessoas com alto nível de QI e outras com alto nível de QE, teremos sentimentos extremos. Homens com tipo de QI puro são ambiciosos, produtivos, previsíveis, obstinados, pouco à vontade com a sexualidade, desligados, frios. Já os homens de alta inteligência emocional são socialmente equilibrados, comunicativos e animados, visão ética, solidários, atenciosos.

É claro que todos nós mesclamos QI e QE em variados graus. Na medida em que as pessoas as têm fundidas, elas serão capazes de obter conhecimentos cognitivos e de serem plenamente humanos.

Sendo notório, que quando se trabalha o emocional do aluno, renova-se sua capacidade de ouvir, analisar, compreender, encontrar soluções, comunicar-se, cooperar, porque “EDUCAR” também é desenvolver aspectos como confiança, auto-controle, relacionamentos, respeito, nossas escolas devem sintonizar as situações emocionais para que se dê a verdadeira medida da inteligência humana.

Refrências:

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BARROS, C. S. G. **Pontos da psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1989.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Trabalhando a inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

GOTTMAN, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GARDNER, H. **Estruturas da mente**: a teoria das múltiplas inteligências. Porto Alegre: Artmed, 2002.